

ÁREA TEMÁTICA:

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- () EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- () SAÚDE
- (X) TRABALHO
- () TECNOLOGIA

**ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA E INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS
SOLIDÁRIOS – IESOL: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM APLICAÇÃO DE
QUESTIONÁRIOS COM O GRUPO INCUBADOS NO PRÉ-ASSENTAMENTO
EMILIANO ZAPATA**

VALADÃO, Adriano¹
SOUZA, Jéssica Cavalheiro de²
PEREIRA, Luciane Gomes³
RUTHES, Pamela Caroliny Endler⁴
ZIMMERMANN, Regina⁵

RESUMO – Este trabalho tem como objetivo discutir os resultados de um diagnóstico realizado pela IESol – Incubadora de Empreendimentos Solidários no pré-assentamento Emiliano Zapata junto aos trabalhadores e trabalhadoras que tiveram ou tem vínculo com a horta comunitária implementada na comunidade por meio de um projeto executado pela IESol em parceria com a UEPG. O diagnóstico, realizado em 2012 faz parte da metodologia de incubação e teve o propósito de investigar a evasão dos trabalhadores da horta comunitária e verificar as possibilidades de interesse destes e outros em retornar ao trabalho coletivo, assim como buscou também investigar os motivos que levaram um outro grupo a permanecer na horta, apesar das dificuldades enfrentadas no processo de produção e comercialização das hortaliças.

PALAVRAS CHAVE – Horta Comunitária. Incubação. Pré-assentamento.

¹Doutor. em Sociologia pela Universidade Federal de Paraná- UFPR. Técnico da Incubadora de Empreendimentos Solidários- IESOL UEPG; Prof. Colaborador Unicentro - campus lrati.adrianocv01@yahoo.com.br

² Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa, estagiária da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESOL. cavalheiroje@gmail.com.

³ Geógrafa, técnica da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol, programa permanente de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. lugplu@hotmail.com Titulação, cargo e e-mail do(s) autor(es).

⁴ Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa, estagiária da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESOL. pamela.endler@hotmail.com.

⁵ Acadêmica do Curso de Engenharia de Alimentos da Universidade Estadual de Ponta Grossa, extensionista da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESOL. regina_zimmermann@gmail.com.

Introdução

A horta comunitária do pré-assentamento Emiliano Zapata foi implementada no decorrer do ano de 2009, com recursos financeiros do Programa Universidade Sem Fronteiras (USF), uma política pública do governo paranaense voltada à extensão universitária. A execução do projeto se deu por meio de uma parceria entre a UEPG e a IESol – Incubadora de Empreendimentos Solidários, um programa permanente de extensão da universidade vinculado a Proex. O programa foi criado em 2005 com objetivos de organizar, fomentar e apoiar a consolidação de Empreendimentos Econômicos Solidários visando a geração de trabalho, renda, capacitação de trabalhadores e trabalhadoras em economia solidária, com a realização de oficinas, seminários e cursos sobre autogestão, cooperativismo, associativismo, solidariedade e cidadania, entre outros, visando difundir estes que são os princípios da economia solidária.

O pré-assentamento Emiliano Zapata está localizado no distrito de Itaiacoca, aproximadamente 18 km do centro urbano de Ponta Grossa e corresponde a uma área de 660 hectares demarcados de um total de 5 mil hectares da fazenda da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, ocupada em 2003 por 150 famílias da região de Ponta Grossa e região metropolitana de Curitiba. A maioria das 50 famílias que hoje residem no local tem sua renda principal advinda da comercialização da produção de hortaliças e grãos com a CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento por meio do PAA - Programa de Aquisição de Alimentos, uma política pública do governo federal inserida no Programa Fome Zero.

Desta forma, a incubação do empreendimento coletivo do Emiliano Zapata teve início em 2007, quando a incubadora realizou os primeiros diagnósticos, fase esta conhecida como pré-incubação, na qual além dos questionários aplicados com as famílias foram realizadas também oficinas sobre economia solidária. No início do projeto da horta comunitária participavam 34 pessoas. Porém, algumas delas participaram apenas no período inicial de construção da estrutura da horta, sem intenção de permanecer no projeto. Desta forma, na medida em que o mesmo ia sendo executado, várias pessoas foram deixando o trabalho coletivo, tendo em vista a necessidade de sobrevivência, pois, a geração de renda com a comercialização da produção hortícola iniciou-se um ano após o início do projeto, nos primeiros meses de 2010. Nesta fase, o grupo de trabalhadores e trabalhadoras da horta comunitária estava formado por 17 pessoas.

A comercialização dos produtos produzidos pelo grupo era feita em quatro feiras semanais, sendo duas realizadas nos espaços da UEPG (Campus Central e Uvaranas) e outras duas em dois bairros de Ponta Grossa. No final de 2010 quando terminou o projeto do USF, o grupo ficou sem a orientação técnica da equipe e sem recursos financeiros para investir na produção.

Objetivos

O projeto dos questionários teve por objetivo geral levantar informações quanto ao trabalho, relações e identificação das famílias vinculadas a Horta Comunitária no Pré-Assentamento Emiliano Zapata e por objetivos específicos identificar as famílias que participam ou já participaram da horta comunitária; Compreender os motivos da evasão da participação das famílias da horta comunitária; Sistematizar dados dos participantes dos trabalhos na horta (nome, idade e tempo de residência no pré-assentamento); Compreender aspectos importantes quanto a sua relação familiar; Reconhecer a rede de confiança das famílias e buscar informações sobre a sua atividade laboral.

Metodologia

Foi a partir da necessidade de realização de projeto de intervenção do estágio obrigatório de Serviço Social no início do segundo semestre de 2012, mais precisamente no mês de agosto, participando de reuniões de equipe responsável pela incubação do grupo e posterior a observação e relatos do grupo que vem trabalhando na incubação é evidente a evasão das pessoas nos trabalhos na horta coletiva. A partir de questionamentos com os participantes que ainda permanecem nos trabalhos esses relatam que alguns saíram por questões de renda (já que a feira não dava 'renda suficiente'), outros para se dedicar a sua produção individual, e alguns sem 'motivo aparente'.

Analisando o que foi observado e após reuniões de equipes percebeu-se que as informações eram muito frágeis e pouco nos diziam sobre os reais motivos, não colocando em dúvida, mas sim sentindo a necessidade de ir além na investigação dos reais motivos dessa evasão.

Além de que em algumas falas percebemos também que seria importante conhecer um pouco as relações estabelecidas na comunidade e as singularidades das famílias. Com objetivo de conhecer melhor a realidade em que se insere a comunidade parte de um movimento social.

Com questões relacionadas a família identificando o número de integrantes, se a família ou algum de seus integrantes participa de alguma atividade organizada e quais as expectativas do entrevistado para o futuro de sua família. A rede de confiança perguntando se no caso de alguma emergência a quem recorre. A atividade laboral questionando quem dos integrantes da família trabalha e onde, qual a renda média, se está satisfeito com a atividade laboral, no caso do trabalho no pré-assentamento com a produção o que produz em seu lote e a quanto tempo trabalha, já no caso do trabalho fora do Emiliano Zapata qual a função em que trabalha, o local.

E por fim as questões relacionadas ao trabalho na Horta Comunitária, quanto tempo trabalhou, média de renda recebida com a horta, porque deixou as atividades, como era a relação entre os que trabalhavam no espaço, se existe interesse em retornar as atividades na horta, e o que o entrevistado acha possível de ser mudado ou melhorado na horta e na feira de comercialização. No formulário também existe o espaço para que o entrevistador pontue suas observações.

Assim, tendo em vista a necessidade de viabilizar o trabalho, bem como, pensando em uma metodologia mais adequada, optou-se pela aplicação de um formulário com questões fechadas e abertas, realizada por um entrevistador (um dos componentes da equipe da IESol responsável pela incubação do grupo Chão e Vida) que faria o preenchimento desse instrumental, sendo o público alvo o grupo já incubado, seria realizada a abordagem com as famílias que fizeram parte dos trabalhos na horta comunitária (independente do tempo de participação) e também com os que ainda se mantêm no trabalho e vão as feiras, para assim oportunizar dados que deixem mais evidentes a questão da evasão e aproveitando o momento para conhecer um pouco mais a realidade em que atuamos.

Resultados

Das trinta e quatro pessoas que possuem algum vínculo com a horta comunitária foram entrevistadas doze pessoas que deixaram o trabalho coletivo e três de um grupo de cinco pessoas que permanecia trabalhando na horta até o momento de realização da pesquisa. No grupo que não atua mais na horta coletiva detectou-se basicamente igualdade na distribuição numérica entre homens (7) e mulheres (5). A idade dos entrevistados variou de 30 a 73 anos, sendo que entre as faixas etárias de 52 e 62 anos observou-se a maior concentração no total de 6 pessoas. Dentre estes 92% residem no local desde a ocupação da área em 2003. Quanto ao número de integrantes por família, constatou-se que 67% dos entrevistados têm a família constituída por até 4 pessoas.

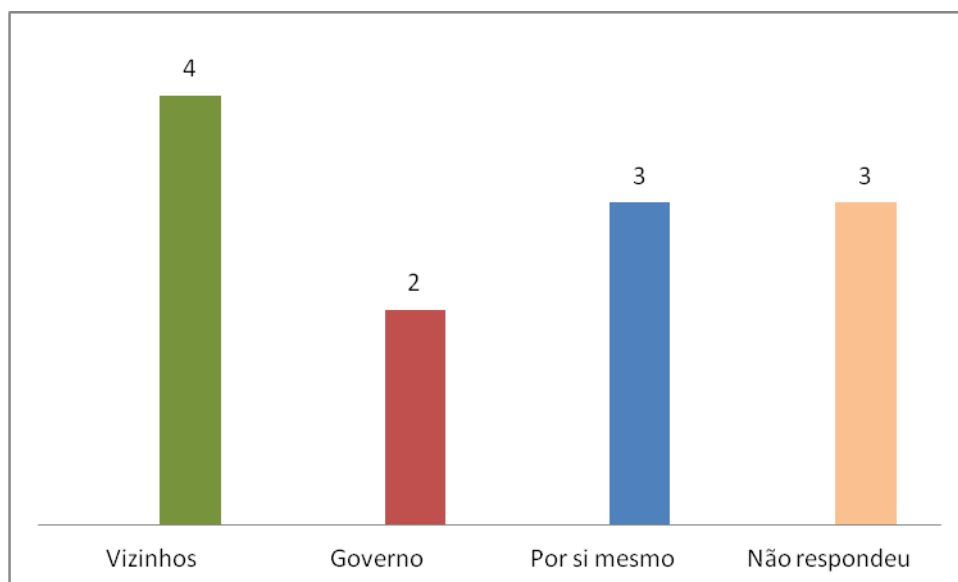
Em relação às expectativas para o futuro, considerando-se os próximos 5 anos, a maioria respondeu que gostaria de ter a área regularizada e a instalação de luz elétrica. Outras respostas obtidas foram relacionadas à infraestrutura local e o desejo de ter a família mais próxima.

Sobre os motivos que levaram as doze pessoas a desistir do projeto coletivo, a maioria, 42% dos entrevistados respondeu que foi pela questão da renda insuficiente. Outros 25% responderam que foi devido à impossibilidade de conciliar o trabalho na horta coletiva com o trabalho no lote individual. Entre as justificativas dos 33% que alegaram outros motivos para a saída, estão presentes questões de conflitos de relacionamento entre o grupo e a falta de organização no trabalho.

Na faixa de renda familiar entre R\$700,00 a R\$1.000,00, segundo as declarações obtidas, além do rendimento obtido com o PAA, acrescenta-se valor proveniente de aluguel e de prestação de serviço de pedreiro.

Quando questionados sobre a possibilidade de voltarem a trabalhar na horta coletiva, 50% dos entrevistados respondeu que sim, voltaria. Porém ressaltando em suas respostas a questão de retorno financeiro efetivo, bem como de uma adequada organização das atividades. Outros 42% responderam que não voltariam, tanto por questões pessoais, mas principalmente pela renda gerada ser insuficiente.

Em relação à rede de confiança estabelecida pelos entrevistados em sua relação com a comunidade foi perguntado a quem eles recorriam em caso de emergência. As respostas obtidas podem ser visualizadas no gráfico a seguir exposto.

Gráfico 01 - No caso de emergência a quem recorre

Fonte: Org. PEREIRA, L. G. (2012)

O segundo grupo é constituído por cinco pessoas que continuaram trabalhando na horta coletiva, sendo que destas foram entrevistadas apenas três. Em relação ao perfil elaborado a partir da obtenção dos dados pessoais dos três entrevistados verificou-se que os mesmos apresentam idade compreendida entre 30 e 63 anos, todos procedentes de outros municípios do estado do Paraná, sendo acompanhados por suas respectivas famílias.

Concernente às expectativas para o futuro da atividade olerícola, bem como dos familiares, as respostas sintetizaram-se nas palavras continuidade, legalização e organização, demonstrando com isso que todos os 3 (três) entrevistados, apesar da realidade atual, acreditam na possibilidade efetiva de desenvolvimento local.

Observou-se também que existe um senso comunitário, para a maioria, pois quando questionados sobre a quem recorrer em caso de necessidade, 2 integrantes responderam que procurariam seus vizinhos, fator que indica a existência de uma integração, de existência de solidariedade entre os moradores.

Quanto à renda dos entrevistados uma pessoa respondeu que recebe em média R\$ 200,00/mês do PAA, uma não declarou e a terceira pessoa respondeu que obtêm uma renda média de R\$ 900,00/mês. Em relação à renda obtida com o trabalho na horta coletiva duas pessoas responderam que o valor era em média de R\$ 50,00/mês e uma respondeu que chegou a obter R\$ 100,00 apenas uma vez.

Quando questionados sobre os motivos que levaram os demais trabalhadores a deixarem as atividades da horta, de forma homogênea todos concordaram que a evasão dos mesmos teve como causa principal a baixa renda gerada pela atividade. Indicando assim a dificuldade em sobreviver sem um valor financeiro mínimo para o suprimento de suas necessidades básicas.

Quanto à questão do relacionamento entre os trabalhadores, esta é considerada entre todos como sendo de um adequado nível, porém os mesmos admitem que existam problemas de convivência. Consideram também que na época em que havia participação de um maior número de trabalhadores havia a possibilidade de revezamento das tarefas, com uma maior rigidez em relação aos horários para execução das mesmas.

Quando questionados por que continuam trabalhando na horta, obteve-se como respostas a crença no trabalho coletivo, a esperança de que tudo prospere, além da possibilidade de aumento da

renda. Contudo também admitem que ocorreram muitas mudanças nos últimos anos, nem sempre positivas, envolvendo basicamente a falta de conhecimento técnico e a efetiva ocorrência de resultados práticos. Por sua vez, todos admitem a importância do trabalho coletivo, de um maior número de participantes nas atividades da horta, como forma de alcançar o êxito para a atividade.

Notas Conclusivas

É na crença e esperança de um trabalho baseado no coletivo e feito em comunidade que o Movimento Sem Terra (MST) se molda, porém a horta coletiva partiu de um projeto do qual em poucos ou nenhum momento as pessoas que trabalhariam na horta participaram do processo, dessa forma o planejamento e esperanças de um projeto por vezes não se efetivaram na prática cotidiana daqueles que estavam envolvidos. E buscando envolver e entender como se deram esses processos foram aplicados os questionários pela equipe da IESOL, que muito nos disseram sobre como avançaram o processo de implantação da horta comunitária e que hoje conta com o trabalho de um número muito pequeno de trabalhadores e dos motivos das evasões, além de nos indicarem um pouco mais sobre as pessoas que residem no pré-assentamento Emiliano Zapata.

Pelo fato de ser um pré assentamento, não regularizado o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), não concedeu a terra para o MST, o que leva os pré-assentados a se organizarem de forma independente e realizarem a um “Reforma Agrária popular” construindo assim o movimento eles mesmos com os recursos que possuem.

É importante destacar que a condição de pré-assentamento, a falta de estrutura e condições de acesso foram pontos de extrema relevância identificados no processo, não bastasse essa situação atrasos no recebimento da verba do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) trazem a realidade do Emiliano Zapata problema com relação a renda, e por esses agravantes os trabalhadores optam por trabalharem em seus lotes individuais.

Dessa forma acabamos por concluir que as condições políticas e de acesso a direitos na comunidade Emiliano Zapata fragiliza os processos de trabalho bem como a participação coletiva em diferentes espaços do Movimento Sem Terra (MST).

Referências

PEREIRA, L. G. **Economia Solidária e Extensão Universitária: A Experiência da Horta Comunitária do Pré-Assentamento Emiliano Zapata.** Ponta Grossa – PR. 2012. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

ENGELMANN, Sandra Andrea. **A organização do território a partir do paradigma da agroecologia no acampamento Emiliano Zapata- Ponta Grossa- PR.** 2011, 135 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Território) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.